



HAL
open science

**Construindo alteridades: memórias de um imigrante no
Brasil (segunda metade do século XIX). (Axe VII,
Symposium 28)**

Sergio Odilon Nadalin

► **To cite this version:**

Sergio Odilon Nadalin. Construindo alteridades: memórias de um imigrante no Brasil (segunda metade do século XIX). (Axe VII, Symposium 28). Independencias - Dependencias - Interdependencias, VI Congreso CEISAL 2010, Jun 2010, Toulouse, France. halshs-00496918

HAL Id: halshs-00496918

<https://shs.hal.science/halshs-00496918v1>

Submitted on 6 Jul 2010

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Construindo alteridades : memórias de um imigrante no Brasil (segunda metade do século XIX) *

Sergio Odilon Nadalin
Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil
Professor Associado

RESUMO

A comunicação pretende, tendo como ponto de partida a releitura das memórias de Gustav Hermann Strobel (1851-1933) e redigidas no início do século passado, discutir a constituição de etnicidades teuto-brasileiras (Deutschbrasilianertum) – e, no seu âmbito, uma concepção particular de cidadania. Assim, considera a construção de um grupo social de origem germânica e evangélica-luterana em Curitiba durante a segunda metade do século XIX e primeiros anos do século XX. Também pretende examinar como, diferentemente do isolamento geográfico, a situação de contato cotidiano com “o outro” num meio urbano constitui igual fator de etnicidade: os grupos concernentes estão separados da sociedade receptora por uma mesma fronteira de exclusão e de inclusão. O autor, já no ocaso de sua vida, recupera a sua vinda ao Brasil enquanto criança, acompanhando a família. O que lembra está naturalmente entremeado pelas lembranças dos seus pais, cujos registros permitiram a Gustav Hermann escrever sobre a vida na Saxônia, anterior à emigração, a aventura da viagem e, da mesma forma, recobrar as impressões dos primeiros contatos com a “selva” brasileira e com os caboclos.

Ou seja, no seu escrito, o depoente articulou “fatos” do passado da família com impressões, opiniões e crítica que lançam luz, principalmente, ao processo de etnização sofrido pelo depoente no curso de sua vida. Em diversos momentos, suas memórias já denotam o choque de duas concepções de cidadania que começava a aflorar na passagem do século XIX para o XX. Dois conceitos fundados no jus solis e no jus sanguinis – este último, característica do Deutschbrasilianertum e sintetizada na frase extraída do Jornal Der Kompass, em 1937: “nós queremos ser e permanecer homens alemães, (e) honestos e bons cidadãos brasileiros”.

Palavras-chave: memórias; etnicidade; cidadania; imigração germânica.

* Texto apresentado no VI CEISAL, 30 de junho a 3 de julho de 2010, Simpósio 28: “**Imigração, memória e cidadania: processos históricos e contemporâneos**”.

Lembranças da chegada e o estranhamento inicial

Gustav Hermann Strobel, o segundo filho de Christine Friederika e Christian August, escreveu sobre a sua vida e a de sua família “para que as gerações futuras saibam de onde procederam seus antepassados e por quais dificuldades tiveram que passar, até que chegassem a um padrão de vida relativamente bom e decente”.¹ Um de seus descendentes atendeu a esse desejo, recuperando e traduzindo o manuscrito para o português, e o Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense ampliou, com sua publicação, o alcance dos objetivos do memorialista. Ficou, assim, disponibilizado aos pesquisadores interessados na imigração alemã um rico documento que servirá, nestas páginas, para recolocar algumas questões relacionadas aos processos de inserção dos imigrantes na sociedade de chegada.²

“O que eu aqui relato” – anuncia nossa testemunha – “é absolutamente a expressão da verdade, com exceção talvez de coisas que foram contadas a meus pais ou a mim, as quais só reproduzo para que o leitor tenha uma idéia dos usos e modos de vida desta época”. Não obstante, trataremos a fonte como tal, com a necessária atitude crítica do historiador: seus pais já haviam falecido quando Hermann,³ com mais de sessenta anos,⁴ lançou-se nesse empreendimento. Articulou “fatos” do passado da família com impressões, opiniões e crítica que lançam luz, principalmente, ao processo de etnização e da construção de uma cidadania experimentado pelo depoente no curso de sua vida, acompanhando de perto, ao que parece, histórias semelhantes percorridas por outros membros do grupo imigrante da mesma geração pioneira.

De acordo com a narração, os membros da família Strobel que vieram ao Brasil

¹ STROBEL, G. H. **Relatos de um pioneiro da imigração alemã**. Curitiba: IHGEP, 1987:3.

² Foi traduzido para o português por Egon F. Strobel, e publicado em 1987 como Número 27 da “Estante Paranista”, recebendo o título **Relatos de um pioneiro da imigração alemã**. Essas memórias estão incompletas, e o tradutor observa, em nota final (p. 141) não conhecer os motivos dessa lacuna. A partir de outra nota, é possível depreender que Gustav Hermann teria uma veia literária. Não só escreveu suas memórias, como teria escrito um segundo livro (sic), “este de conteúdo mais político e filosófico, do qual não se tem mais notícias, seja do original ou de cópias”. (p.141).

³ Christine Friederike Herold Strobel faleceu em 23 de junho de 1898 e Christian August Strobel em 11 de janeiro de 1900.

⁴ Não se sabe exatamente quando ou em que período de sua vida o seu texto foi criado. No início do século XX, sem dúvida, e a data mais recente mencionada nas suas memórias refere-se a um comentário sobre a liberação de verbas em 1912 para a reparação da Estrada da Graciosa [STROBEL, 1987:115]. Gustav Hermann Strobel – vou tratá-lo de agora em diante como Hermann, como era mais conhecido – faleceu em 23 de maio de 1933, em Curitiba.

fugiram da Europa por motivos políticos – o que está de acordo com a historiografia⁵ – e não constituiriam, pois, emigrantes típicos. Relativizando esta ênfase da minha fonte, é possível, também, entender a emigração do casal e outras pessoas de *Glauchau*, na Saxônia, como resultado da pobreza reinante na Alemanha anterior à Revolução Industrial, e da incapacidade de os artesãos se ocuparem nos limitados mercados locais.⁶ De uma forma ou de outra, o alegado roubo de seu pequeno capital logo antes da viagem⁷ nivelou-os aos 80% de alemães da primeira grande leva emigratória de 1845 a 1854, que fugiam da fome ou das pressões pela terra⁸ num país econômica e politicamente atrasado.

O casal e seus três filhos nascidos na Alemanha – Emilie Bertha [01.09.1846], Gustav Hermann [01.07.1851] e Emil Robert [1853] – foram, de certa maneira, pioneiros no processo de migração que conduziu centenas de “colonos” de origem germânica da colônia Dona Francisca⁹ e de outras partes da então Província de Santa Catarina a Curitiba. Primeiramente o marido, que veio tentar a sorte no planalto curitibano, chegando no início de 1855; alguns meses depois, subiram a serra Christine, grávida, e os filhos.

Sem recursos e desconhecendo a língua dos nativos, eles dependeram em grande parte do que podiam produzir; mas, sem dúvida, também da “boa estrela” do imigrante.¹⁰ Hermann deixou implícito que seus pais nunca se desencorajaram; recorriam a pequenos serviços e viviam do que conseguia ganhar o marido desenvolvendo diversos tipos de trabalho. Não eram, essencialmente, serviços de carpintaria: para citar um exemplo, Christian trabalhou durante bom período abrindo valetas e a família vendia na cidade excedentes produzidos nas hortas das diversas casas que alugaram sucessivamente, até comprarem a sua própria; ganhavam igualmente um pouco de dinheiro alojando imigrantes que estavam de passagem ou se instalavam na região, ao sul de Curitiba e no caminho que unia o planalto às colônias de Santa Catarina.

Durante essa fase, o estabelecimento dos Strobel na capital paranaense é sinalizado pela retomada do crescimento da família, tendo-lhes nascido mais três filhos: Maria

⁵ Eram os “1848 er Kinder”, os filhos de 1848. MAGALHÃES, 1998:26. Ver também, WILLEMS, 1980:36; BLANCPAIN, 1994:59-61; HOBSBAWM, 2004:280.

⁶ SINGER, **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. São Paulo: Edit. Nacional: Edit. USP, 1968:87. Para uma análise mais detalhada, ver BLANCPAIN, J.-P. **Migrations et mémoire germaniques en Amérique Latine**. Strasbourg: Presses Universitaires de Strasbourg, 1994:61-68.

⁷ STROBEL, G. H. **Relatos de um pioneiro...** 1987:31.

⁸ HOBSBAWM, E. J. **A era do capital**: 1848-1875. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004:280-281 (a referência inclui, além da Alemanha, a Irlanda).

⁹ Depois Joinville, atualmente a maior cidade do Estado de Santa Catarina.

¹⁰ MACHADO, C da S. **De uma família imigrante**: sociabilidades e laços de parentesco. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998: 9 e seguintes.

[08.07.1855], Anna Luiza [07.12.1858] e Fani (ou Fanni Therese) [17.11.1861].¹¹ Apesar de luteranos, a ausência ainda de uma assistência evangélica levou-os a batizar as meninas na Igreja católica, com padrinhos escolhidos entre seus amigos brasileiros.¹²

Foi nesse contexto de um novo mundo do trabalho e do processo de inserção numa sociedade distinta daquela da qual eram originários que nasceram os três últimos filhos do casal. A linhagem constituía-se, assim, imersa nos contatos de “aculturação” e de socialização que incluíam relações comerciais e de trabalho no mercado oferecido pela cidade. Essas relações desenvolviam-se pouco a pouco com a demanda dos empregadores de origem brasileira, enquanto seus serviços especializados eram cada vez mais solicitados por mestres de obra alemães que marcaram a renovação urbana de Curitiba até os anos de 1890-1899.

O documento em referência permite inferir o choque do imigrante ao se deparar com o novo meio, quando desembarcaram no porto de São Francisco (do Sul), no litoral norte de Santa Catarina, e tiveram contato com a mata virgem. Ao subirem o Rio Cachoeira na direção da colônia,

“a decepção era visível nos rostos de cada um, pois a vegetação fechada que víamos nas margens era um tanto assustadora. Água a dentro avançavam as plantas aquáticas, e ao fundo o mato virgem era aterrador. [...] Pensar em viver nestas paragens, parecia-nos um tanto apavorante.”¹³

Chegando ao lugar previsto, depararam-se com precárias instalações. Para que pudessem sobreviver, era preciso preparar a terra e plantar, mas, antes, derrubar a floresta. Além de tudo, foram mal recebidos e, assim, a primeira reação do grupo que desembarcara teria sido a de voltar.¹⁴ Dada essa evidente impossibilidade, os colonos trataram de resolver os problemas da maneira como podiam, confrontando as agruras de um meio hostil com o trabalho duro da derrubada da mata, ao que parece enfrentando a falta de comida, insetos,

¹¹ Em nenhum momento de seu texto, Gustav menciona o nome das irmãs nascidas no Paraná. As informações acima foram obtidas dos registros de batismos da Matriz de São José dos Pinhais.

¹² STROBEL, G. H. **Relatos de um pioneiro...** 1987:62 e 70.

¹³ STROBEL, G. H. **Relatos de um pioneiro...** 1987:29. É sintomática a diferença da visão de um pioneiro que viveu durante só oito meses no início da Colônia D. Francisca, tendo mais tarde voltado para a Europa. RODOWICZ-OSWIECIMSKY, T. **A colônia Dona Francisca no Sul do Brasil**. Florianópolis: Ed da UFSC, FCC; Joinville: FCJ, 1992:29.

¹⁴ STROBEL, G. H. **Relatos de um pioneiro...** 1987:30. Embora não com tanta ênfase, Rodowicz concorda que havia uma diferença entre “a realidade e as lindas gravuras publicadas pela ‘Ilustrierte Zeitung’ na Europa. [...] Com olhares perscrutadores e ansiosos, [os imigrantes] procuravam aquele lindo trapiche que viram nas publicações e as casinhas bonitas com floridos jardins. Mas, até onde a vista alcançava, só viam tocos de árvores com capoeiras.” Dado o insano trabalho que se anunciava, e a evidente decepção, a maioria, derrotada, se perguntava “– Voltar ou ficar??? Para muitos, só restava a segunda alternativa, devido as despesas. E voltar simplesmente, sem ao menos ter tentado fazer algo, seria covardia.” RODOWICZ-OSWIECIMSKY, T. **A colônia Dona Francisca...** 1992:30. Também este memorialista referiu-se às más condições de saúde dos imigrantes neste início da colonização. Idem, 1992:30 e 52.

bichos-de-pé, aranhas, serpentes e outros animais igualmente assustadores.¹⁵ Essas memórias fortalecem os relatos sobre o pioneirismo do “imigrante alemão”, que permeiam as crônicas sobre trajetórias bem-sucedidas.¹⁶ Por aquele motivo, “muitos como nós preferiram se mudar para o [...] Paraná, onde o clima era também mais favorável para os colonos alemães”,¹⁷ e onde, naturalmente, havia uma cidade a explorar.

De qualquer modo, em Curitiba o início também seria difícil. Ao chegar,

[...] meu pai percorreu em seguida todas as ruas da cidade à procura de trabalho. Onde via ou ouvia ruídos de serras ou sepihos indagava por trabalho, mas sem sucesso. Também no edifício da Assembléia, que estava sendo construído na época, perguntou por trabalho. Mas os operários e carpinteiros que eram todos mulatos não conseguiram entender sua comunicação através de gestos. Em resposta meu pai obteve apenas risos. Desanimado, seguiu adiante, achando cada vez mais injusto animar pessoas com falsas promessas, para virem a estas paragens, sem prestar-lhes a mínima assistência. [...]

Ainda que no caminho de Dona Francisca para Curitiba já tivessem se deparado com “caboclos”¹⁸ – que consideraram “gente muito hospitaleira” – foi no planalto que tiveram de romper não só as barreiras da língua, mas também se relacionar com uma população autóctone singular, descendentes de colonos mesclados aos indígenas e africanos. Não era só uma população “diferente”: ainda em relação aos caboclos, o memorialista opina, quase meio século depois de os fatos terem acontecido, que estes “os aceitavam de bom grado sem exigir algo em troca. Sentiam-se mesmo honrados quando *um branco* entrava em suas casas”.¹⁹

Daquele momento em diante, o cotidiano da família estaria marcado pela sua inserção numa sociedade cuja estrutura social patriarcal e escravista era evidente: “nos primeiros anos de nossa estada no Paraná, vivemos sempre neste meio, e nos dávamos muito bem com os nativos, respeitando-os naturalmente, e nunca ofendendo nenhum deles.”²⁰ Por outro lado, os Strobel parecem não ter se impressionado com os escravos que encontraram em Curitiba – pelo menos, se dermos crédito a nossa fonte. Assim, ao comentar sobre a amizade revelada por Pedro Machado, abastado dono de grande extensão de terras e proprietário de gado, muares e quantidade de escravos, nossa testemunha relata friamente a respeito da escravidão,²¹ tanto mais que o contexto descrito refere-se a uma época anterior à abolição, e o

¹⁵ STROBEL, G. H. **Relatos de um pioneiro...** 1987:30-34.

¹⁶ SEYFERT, G. Identidade étnica, assimilação e cidadania; a imigração alemã e o Estado Brasileiro. **XVII Encontro Anual da ANPOCS**, Caxambu, MG, 22-25 outubro de 1993:4. No entanto, relatos de trajetórias mal sucedidas também davam força ao hino pangermanista do trabalho alemão. Ver BLANCPAIN, J-P. **Migrations et mémoire germaniques...** 1994:91.

¹⁷ SEYFERT, G. Identidade étnica, assimilação e cidadania... 1993:35.

¹⁸ STROBEL, G. H. **Relatos de um pioneiro...** 1987:39.

¹⁹ STROBEL, G. H. **Relatos de um pioneiro...** 1987:39 (sem *grifo* no original).

²⁰ STROBEL, G. H. **Relatos de um pioneiro...** 1987:39.

²¹ STROBEL, G. H. **Relatos de um pioneiro...** 1987:52-53. Sobre o padrinho da irmã Fani, menciona que “a família Rocha também era bem abastada. Possuíam grande extensão de terras e muitos escravos” (p. 63).

texto data de alguns anos após a libertação dos escravos.

Ademais, tiveram de se acostumar com outras novidades, como “a principal refeição brasileira: feijão preto, farinha de milho ou mandioca e charque. De vez em quando também tinha canjica”, de modo igual feita a partir do milho, que as crianças aprenderam a apreciar, “principalmente se preparado com leite e açúcar”; apesar do estranhamento inicial, parece que logo se habituaram à infusão do mate e à maneira muito especial de ingeri-la. Mesmo o eventual trabalho de carpintaria que Christian conseguia nos primeiros meses fugia aos padrões aos quais estava acostumado.²²

Uma renovada visão do “outro”

Mesmo com todas essas dificuldades, o que a família Strobel sentiu, em Curitiba, parece não ter sido hostilidade – tal sensação teria passado, quando deixaram a Colônia D. Francisca. Assim sendo, não cabe à nova situação deles a observação de Hobsbawm a respeito do imigrante típico, que seria “amontoado com seus iguais em um lugar estranho que o havia recebido de forma fria [...voltando-se] naturalmente para o único agrupamento humano que lhe era familiar e que poderia ajudá-lo, a companhia dos seus compatriotas”.²³ Mesmo porque muitos dos quase duzentos estrangeiros que já viviam na capital do Paraná – alguns, alemães oriundos da colônia de Rio Negro, na mesma Província; outros, que continuavam a chegar de Santa Catarina – não podiam ser considerados, naquele momento, “compatriotas”, como eram os seus companheiros da Saxônia. Com efeito, os primeiros, porque originários do *Moselle* e relativamente integrados à sociedade curitibana desde os anos de 1830; os outros, porque eram oriundos de lugares muito distintos, tais como a Pomerânia e outras regiões da Prússia, do Schleswig-Holstein, do Hanover, de Schaffhausen (no norte da Suíça), da Saxônia e assim por diante. Além de tudo, esses “remigrantes”²⁴ estavam em grande maioria sendo localizados no extremo oposto da cidade, no norte, em lotes de terreno especialmente destinados a eles pelas autoridades provinciais.

O que se configura, portanto, para os Strobel e para muitos que subiam a serra

²² STROBEL, G. H. **Relatos de um pioneiro...** 1987:41.

²³ HOBBSAWM, E. J. **A era do capital...** 2004: 277. “A primeira geração de imigrantes, por mais zelosa que fosse ao tentar aprender as técnicas da nova vida, terminava por viver num gueto auto-imposto, apoiando-se nas velhas tradições, nos seus semelhantes e nas memórias do antigo país, que tinham abandonado tão prontamente” [*Idem*]. Essa talvez fosse a situação relatada por vários historiadores a respeito das colônias alemãs, homogêneas e isoladas, que permitiram a “formação de uma sociedade étnica, cultural e economicamente diferente da sociedade brasileira” [SEYFERT, G. A conflituosa história da formação da etnicidade teuto-brasileira. In: FIORI, Neide Almeida (org.). **Etnia e educação: a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres.** Florianópolis: Ed. Da UFSC; Tubarão: Editora Unisul, 2003:28], como ocorreu em várias regiões do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

²⁴ Embora literalmente remigrar signifique voltar ao lugar de origem, repatriar-se, temos utilizado há décadas o termo, na falta de outro melhor, com o significado de (e)migrar de novo.

naquele momento fixando-se no planalto, é que, pelo menos nos 10 anos que se sucederam ao início da “remigração”, parece que não se havia ainda manifestado nenhuma mobilização coletiva direcionada à etnicidade; ou seja, a uma “pertença” étnica. Sem dúvida, o “nós” e o “outro” sempre foram evidentes nas relações estabelecidas com os nativos, e – apesar de essa questão não ter afetado diretamente a família, como vimos, – isso ficara evidente quando os luteranos tiveram dificuldades em enterrar seus mortos no cemitério público, terra consagrada pela Igreja católica: a Câmara Municipal veio em socorro dos imigrantes, concedendo-lhes um terreno para a edificação de um cemitério.

Assim, a despeito das diferenças culturais, dos problemas e eventuais hostilidades, até então parecia não se configurar, entre os imigrantes, a vontade de demarcar limites entre “eles” e “nós”, estabelecendo e mantendo “fronteiras”. Apesar de mencionar algumas vezes dificuldades relacionadas ao idioma, Hermann, escrevendo num contexto étnico mais carregado, parece não se lembrar de qualquer discriminação por ser “alemão”, ou protestante, por parte dos brasileiros. Como veremos adiante, a problemática da etnicidade é mais sutil, embora nuançada pela integração dos teuto-brasileiros na sociedade curitibana.

Por conseguinte, não obstante a distinção “nós *versus* outro” pudesse ser até significativa em alguns momentos, tal fato, ao que tudo indica, era minimizado pela necessidade dos Strobel em vencer as dificuldades desses primeiros tempos e pelas boas relações desenvolvidas pela família na sociedade anfitriã.

Porém, como enfatizei, suas memórias foram escritas em outra circunstância, e diversos trechos deixavam transparecer uma atitude crítica reveladora de uma “construção social da pertença”:²⁵

“Quando um não católico procurava tratamento (no Hospital de Caridade) era aceito de má vontade e sujeito a discriminações e restrições diversas, forçando-o a sair do hospital o mais breve possível. Naturalmente este procedimento provocou certa revolta e manifestações de desagrado por parte dos emigrantes (sic).”²⁶

Também não perdoou o Padre João, que batizou suas irmãs,²⁷ e, aproveitando para criticar o celibato sacerdotal, escreveu que o referido Vigário de São José era muito mal educado e que, “aparentemente, não tinha conservado a sua castidade, pois criava um menino que o chamava de ‘papai’”. E foi mordaz:

“O celibato é uma condição imposta aos religiosos católicos, porém criar filhos era permitido. Nesta

²⁵ POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras, de Fredrik Barth. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998:125.

²⁶ STROBEL, G. H. **Relatos de um pioneiro...** 1987:122-123.

²⁷ “O Padre João batizava estas crianças alemães (sic) de bom grado, mesmo não tendo grande simpatia pelos alemães.” *Idem*:69.

época em Curitiba vivia um padre, que contavam tinha sido pai trinta e três vezes. É de admirar que a cegonha seja tão generosa na distribuição de bebês aos padres. A cegonha brasileira talvez confunda batina com saia e que quem usa batina também tenha o necessário leite materno. Certamente existe muitos religiosos que a contragosto usavam a batina e que ansiavam por uma vida conjugal normal. Estes deveriam tomar a atitude de seu ex colega. Como o Dr. Martinho Lutero”. [...]”²⁸

Ao se iniciar o século XX, o tom do manuscrito de Hermann Strobel, em vários momentos, já parece mostrar que as mencionadas diferenças culturais entre os imigrantes e a sociedade anfitriã estavam sendo socialmente organizadas.²⁹ Seus escritos dirigiam-se agora aos seus descendentes em nome de uma comunidade étnica, cuja identidade era também caracterizada pela confissão religiosa comum e por uma memória coletiva que refletia o relativo isolamento dos luteranos no seio da comunidade anfitriã, majoritariamente católica. Para compensar, critica valores católicos: era uma resposta aos “outros” que acusavam a igreja evangélica de antibrasileira, “principalmente nos períodos de crise e sempre que surgiam as especulações sobre o ‘perigo alemão’, sofrendo, nessas ocasiões, críticas violentas por parte da imprensa e das autoridades luso-brasileiras”.³⁰

Essa atitude da testemunha seria fruto das mudanças das situações de contato que começaram a se evidenciar anos antes, a partir do desenho de um novo e promissor mercado de trabalho para Christian August Strobel e seus filhos. Este se traduzia em demandas de obras públicas exigidas pela nova Província e dos imigrantes de origem alemã que, cada vez mais, requisitavam seus serviços especializados numa técnica que era familiar a eles.³¹ Porém, continuavam a morar relativamente distantes dos imigrantes germânicos que se radicavam na cidade, organizando suas chácaras ao norte da capital.

Iríamos encontrá-los, pois, em Campo Largo, e lá devem ter permanecido ainda alguns anos;³² entretanto, por volta de 1860, em casa própria, exteriorizando uma ascensão evidente que os levou “a um padrão de vida relativamente bom e decente”.

O relato de Hermann é pouco preciso ao contar o tempo, o que dificulta a construção de uma cronologia para a história da sua família. De qualquer forma, percebemos que os Strobel progrediram consideravelmente nesses anos, e é nesse âmbito – e do crescimento material – que parece se desenrolar um processo de aproximação mais efetiva da família com o que se conformava gradativamente como um “grupo” de origem germânica. Essa

²⁸ *Idem*: 69-70.

²⁹ CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002:201.

³⁰ SEYFERT, G. **Nacionalismo e identidade étnica**. A ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981:144.

³¹ MACHADO, C. da S. **De uma família imigrante...** 1998:34.

³² Os escritos de Gustav não mencionam a possível mudança posterior da família para uma região mais central da cidade. Simplesmente informa que, ao se casar em 1875, construiu sua própria casa “junto ao hospital” (de caridade), mais ou menos no centro de Curitiba [STROBEL, G. H. **Relatos de um pioneiro...** 1987:126].

aproximação, de início, parece ter sido de natureza muito mais profissional. Todos os filhos, como menciono adiante, casaram-se com pessoas de origem alemã, a maioria imigrantes; não só isso, as uniões pareciam externar vínculos de interesse entre as famílias dos noivos:

Ferdinand Wendt (pedreiro), Christiano Osternack (oleiro) e Sebastian Weckerlin (carpinteiro) exercem, todos eles, profissões do ramo da construção civil, tal como Christian, Gustav e Emil Strobel. Assim, se religião e, principalmente etnia comuns aparecem como pré-requisitos para a escolha do cônjuge, foi através dos vínculos profissionais que estes princípios básicos puderam ser viabilizados.³³

Desenvolvia-se, assim, uma “comunicação cultural”, uma sensibilidade e uma sociabilidade entre os imigrantes e seus descendentes que permitia gradativamente o estabelecimento de fronteiras “por meio de símbolos simultaneamente compreensíveis pelos *insiders* e pelos *outsiders*.”³⁴ Símbolos como a *Muttersprache*, a língua-mãe, definindo e preservando a identidade do grupo, ou como o *Gottesdienst*, o serviço religioso evangélico no qual os crentes ouviam prédicas, oravam e cantavam em alemão.³⁵

Por outro lado, é sintomático de uma situação particular de certo isolamento (provavelmente resultado da instalação relativamente precoce dos Strobel na região) que Christian, a mulher e os filhos não estivessem relacionados na lista fundadora da *Deutsche Evangelische Gemeinde* em 1866,³⁶ o que revela a complexidade da constituição da etnicidade e da formação dos grupos étnicos.

Com o passar dos anos, todo o contexto gradativamente se modificava. Embalados pelas vitórias prussianas e pelo “ressurgimento” do Império Alemão, antigas nostalgias pelo *Heimat* que deixaram para trás adquiriram vigor renovado. Os imigrantes e descendentes, talvez com exceção de alguns suíços, podiam sentir-se agora mais “alemães”, traduzindo uma atração que crescia à medida que crescia a importância da Alemanha. Por outro lado, o Reich “redescobria” nesse mesmo passo os emigrantes e descendentes localizados no Além-Mar, em especial aqueles do Cone Sul da América Latina, alimentando uma das características da política imperialista alemã que mostraria seus músculos em especial após a queda de Bismarck: “o Sul do Brasil deverá ser substitutivo para as colônias que a Alemanha não possui”.³⁷

Assim, o Reich tornava-se cada vez mais onipresente nas comunidades alemãs fora da Europa – o que se encarnava pelo pangermanismo e por um nacionalismo exacerbado –,

³³ MACHADO, C. da S. **De uma família imigrante...** 1998:49.

³⁴ POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade...** 1998:124.

³⁵ BLANCPAIN, J.P. **Migrations et mémoire germaniques...** 1994:203-204.

³⁶ GEMEINDEVERZEICHNISS, 11/11/1866.

³⁷ DREHER, M. Protestantismo de imigração no Brasil: sua implantação no contexto do projeto liberal-modernizador e as consequências desse projeto. In: DREHER, M. (org.). **Imigrações e história da Igreja no Brasil**. Aparecida, São Paulo: Editora Santuário, 1993:127.

assegurando proteção aos “americanos acidentais e provisórios”. A interpretação do “jus solis” vinha, evidentemente, colocar mais lenha na fogueira, articulado ao fato de que o “dom da naturalização”, num contexto em que o naturalizado não tinha os mesmos direitos do nascido no Brasil, no Chile e, mesmo, no Paraguai, não contribuía para amenizar o problema.³⁸ Com efeito, o autor em referência pergunta-se, centralizando seu olhar nos países de imigração alemã na América Latina, que lugar nas sociedades receptoras podiam reivindicar os imigrantes, fossem camponeses, artesãos ou burgueses? A qual povo podiam eles se sentir solidários? Como poderiam apoiar países que não conheciam e regimes políticos que não correspondiam à suas aspirações?³⁹ Porque, como observa o mesmo Blancpain, em toda parte nos países receptores imperavam o clientelismo, o caudilhismo, o nepotismo, a “empleomania”...⁴⁰

Tal situação cimentava um convívio cada vez mais solidário entre os imigrantes e, agora, entre seus filhos. Desse modo, frequentavam a Igreja, a escola alemã, os estabelecimentos comerciais (padarias, armazéns, moinhos, olarias, ferrarias, madeireiras etc.), como também conviviam cada vez mais com pessoas que falavam melhor o alemão que o português nas dezenas de *Vereine*⁴¹ que começam a proliferar em Curitiba. Assim, o que faz a identidade do grupo acaba também construindo a identidade do pangermanismo e sua excepcional memória concernente aos modos de expressão privilegiadas e complementares: (de novo,) a língua, a escola, o credo, as associações, laços permanentes de uma viva solidariedade.⁴²

Anos mais tarde, não sabemos exatamente quando, as filhas batizadas católicas fizeram sua profissão de fé evangélica⁴³ perante a comunidade dos luteranos em Curitiba. De todos os seis filhos, como mencionei, nenhum se casou fora da igreja evangélica ou, mesmo, com um filho ou filha dos antigos amigos e vizinhos brasileiros.⁴⁴ Sem dúvida, os Strobel estavam integrados à vida social curitibana, mas cada vez mais mantendo relações estreitas com os outros alemães. Que, aliás, continuavam a chegar, de forma contínua.⁴⁵

Tudo se passava como, ao amadurecer a segunda geração de “imigrantes”, a situação

³⁸ BLANCPAIN, J.P. *Migrations et mémoire germaniques...* 1994:247.

³⁹ BLANCPAIN, J. P. *Migrations et mémoire germaniques...* 1994: 249.

⁴⁰ BLANCPAIN, J. P. *Migrations et mémoire germaniques...* 1994: 248.

⁴¹ HOBBSAWM, E. J. *A era do capital...* 2004:278. Marcando esse típico associativismo, em menos de setenta anos (1856 a 1826), cerca de meia centena de entidades alemãs foram criadas pela comunidade, marcando, direta ou indiretamente, a vida social, econômica, cultural e mesmo política da cidade [NADALIN, 1972:4-5]. Ver também, a esse respeito, SEYFERT, G. In: *Etnia e educação...* 2003:29 e 33.

⁴² BLANCPAIN, J.-P. *Migrations et mémoire germaniques...* 1994:184.

⁴³ “Anos mais tarde as três meninas foram confirmadas pelo Pastor August Böcker, pelo rito evangélico”, STROBEL, G. H. *Relatos de um pioneiro...* 1987:69. Pesquisando os registros da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba, só consegui recuperar a informação referente à Anna (Anna Luiza) Strobel, confirmada em 29 de março de 1874 [Batismos n.º 1, 1864-1877].

⁴⁴ MACHADO, C. *De uma família imigrante...* 1998:44.

⁴⁵ NADALIN, S.O. Imigração alemã no Brasil: dois problemas. *Anais do III Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros*. Porto-Alegre, Ed. Da UFRS, 1980:302.

de contato modificava-se de acordo com uma aplicação *sui generis* da “Lei de Hansen”.⁴⁶ Provavelmente foi com os filhos de Christian e Christine que as relações que se estabeleceram no grupo e com os “outros” começavam a colocar em causa certas fronteiras, mesmo porque os “outros” também começavam a sentir de maneira diferente a novidade dos agrupamentos imigrantes, sobretudo protestantes, na organização social do País.⁴⁷ Os estrangeiros, do ponto de vista religioso, mantiveram-se coesos, e as comunidades consolidaram-se com apoio na Constituição (a cujas restrições acabavam por dar interpretação bastante ampla) “e no cumprimento, pelos pastores” – e excepcionalmente por leigos, como no início da vida comunitária em Curitiba – “de agendas reservadas ao sistema religioso e, até então, monopólio católico romano”. Batizavam, casavam e sepultavam. Seus filhos estudavam na escola anexa à igreja sob a direção do Pastor. “Marcaram o cenário onde estivessem, e é claro que a população católica romana, mesmo sem contato litúrgico, não podia fugir a essa intrusão”.⁴⁸

O que se está querendo dizer – para além do que a historiografia enfatiza sobre a contribuição dos imigrantes e descendentes para a urbanização da capital da Província, e do respeito que muitos brasileiros tinham pelos estrangeiros –, é que esses também começavam a causar um certo mal-estar entre seus anfitriões. O próprio desenvolvimento da cidade traduzia-se em mudanças no panorama “imigrante”, com seu cemitério, seu templo, a casa pastoral, a escola, os estabelecimentos comerciais e fabris... Enfim, sua presença econômica, física e espiritual.⁴⁹ Bigg-Wither, ao voltar à cidade em outubro de 1873, anotou que “o elemento alemão parecia ter aumentado muito no lugar” e admirou-se de gigantesco edifício que estava em construção, “mais no moderno estilo de um hotel de Londres do que de qualquer dos que vira no Rio e, em todos os lados, havia sinais inequívocos de progresso”.⁵⁰ Ou seja, mudanças que caminhavam par e passo com o endurecimento das representações sociais e das tensões urbanas. Assim, por exemplo, se as autoridades eram coniventes e as leis do País toleravam a religião protestante, “já não a toleravam muito dos padres, bem como a população por eles influenciada.”⁵¹ De maneira mais ampla, observa-se que, coincidentemente com a chegada de representantes étnicos da comunidade de fala alemã no Sul do Brasil no Congresso Nacional e nas assembléias provinciais, no final do oitocentos, delineia-se o

⁴⁶ “Daquilo que o filho quer esquecer, o neto quer lembrar”. [POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade...** 1998:71].

⁴⁷ RIBEIRO, B. **Protestantismo no Brasil monárquico, 1822-1888**: aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1973:81 e 91.

⁴⁸ RIBEIRO, B. **Protestantismo no Brasil...** 1973: 85.

⁴⁹ RIBEIRO, B. **Protestantismo no Brasil...** 1973:91.

⁵⁰ BIGG-WITTER, T. P. **Novo caminho no Brasil meridional**: a Província do Paraná. Três anos em suas florestas e campos; 1872-1875. Rio de Janeiro: J.Olympo / Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1974:323.

⁵¹ RIBEIRO, B. **Protestantismo no Brasilmonárquico, 1822-1888**: aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1973:101.

verdadeiro clima de conflito, acirrado pelo incômodo que começava a se tornar a cada vez mais atuante imprensa teuto-brasileira. Parcela da opinião pública brasileira acreditava que estes e outros sinais (incentivo à imigração alemã e a propaganda pangermanista) indicavam interesses expansionistas do Império Alemão na região,⁵² principalmente a partir dos anos 1890.⁵³ É nessa conjuntura que vem se esboçando que encontramos traços da presença de Hermann Strobel, agora realizado social e profissionalmente – ele, que havia crescido entre os “caboclos” e que havia aprendido a profissão de carpinteiro com seu pai –, como associado fundador da sociedade dos artífices alemães em Curitiba (*Handwerker Unterstützungs Verein*). Seu irmão Robert Emil, também carpinteiro, pelo que parece era mais ativo: foi Vice-Presidente na primeira diretoria dessa Associação, quando da sua fundação em 19 de julho de 1884,⁵⁴ e várias vezes membro da diretoria (*Vorsteher*) do *Deutscher Sängerbund*, em 1890, 1891, 1895 e 1903.

Hermann aprendera naturalmente o alemão na sua casa e o português no relacionamento com os vizinhos e com os clientes. Entretanto, nunca fora à escola:

“Gastos com estudos meu pai não teve comigo, pois em todo Paraná não havia uma única escola alemã,⁵⁵ e como eu cresci entre os caboclos nas cercanias de São José, na minha juventude não cursei escola alguma, pois ao redor também não havia uma única escola brasileira. Minha mãe ensinou-me alguma coisa. Aprendi com ela a ler e escrever em alemão, e mais tarde adquiri alguns livros; com eles, nas horas vagas, à noite e aos domingos fui me instruindo por conta própria. Não me tornei um sábio, mas aprendi o suficiente para o meu ofício e negócios, e fiz progressos em minha vida.”⁵⁶

Pelo menos onde o contato com a sociedade anfitriã era mais intenso, como nas cidades, o bilinguismo era característica dos descendentes dos imigrantes, mas não há dúvidas de que, principalmente na intimidade do seu *Heim* (lar), tinham tendência em se expressar em alemão,⁵⁷ o que era fortalecido pela convivência na ou em comunidade, pela leitura de jornais, por revistas e livros recebidos da Alemanha, dos almanaques com finalidades diversas que

⁵² SEYFERT, G. In: **Etnia e educação...** 2003:42.

⁵³ MAGALHÃES, M. B. D. de. **Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1998:103-105.

⁵⁴ **50 JAHRE Handwerker-Unterstützungs-Verein**. Gedenk-und-Festschrift am 19 Juli: 1884-1934. Curitiba: Max Roesner & Filhos Ltda., 1934:25.

⁵⁵ De fato, o primeiro pastor da *Deutsche Evangelische Gemeinde* foi também o primeiro professor de uma escola alemã, já em 1867. Hermann teria, nesse momento, 16 anos, e, pelo que consta nas suas memórias, já acompanhava seu pai no trabalho.

⁵⁶ STROBEL, G. H. **Relatos de um pioneiro...** 1987:94. Sobre o papel de Christine Friederike na educação de Hermann, ver Blanpain, que se refere a vários textos que mencionam o papel da mãe nas comunidades imigrantes alemãs [BLANCPAIN, J.P. **Migrations et mémoire germaniques...** 1994:194].

⁵⁷ BLANCPAIN, J.P. **Migrations et mémoire germaniques...** 1994:208. SEYFERT, G. In: **Etnia e educação...** 2003:33-34.

proliferavam no Sul,⁵⁸ pelas viagens que faziam... Gustav foi à antiga Colônia D. Francisca pelo menos duas vezes,⁵⁹ embora se possa acreditar que seus contatos comerciais e de amizade o levasse a relações frequentes com os joinvillenses⁶⁰ e, o que também é provável, com outras “colônias”.

Como muitos teuto-brasileiros, viajou algumas vezes à Alemanha: “da nossa família, somente meu irmão Roberto e eu voltamos a visitar algumas vezes a nossa cidade natal”⁶¹ e, por ocasião da Grande Guerra, ficou retido na Europa. Possuía, portanto, recursos, o que o permitia ligar-se fisicamente a seu país natal: mandou para a Alemanha um filho para estudar e levou para lá um filho seu doente, recém-casado e que lá faleceu no segundo semestre de 1913.⁶²

Ou seja, via-se, como outros membros do grupo étnico, como “alemão” – falando, escrevendo e pensando em sua língua natal –, embora fosse cidadão brasileiro. Isso era verdade na medida em que se acreditavam e se viam dessa forma, membro de uma *Volksgemeinschaft* (comunidade nacional) que transcendia as fronteiras da cidadania; distinto, pois, da origem “brasileira” de seus concidadãos e agindo, portanto, de modo a validar sua “germanidade”.⁶³

Essas ligações é que permitem inferir, finalmente, que Hermann construía, junto com os que professavam a mesma identidade “alemã” (ou, talvez melhor, teuto-brasileira), limites étnicos que mantinham a certa distância membros da sociedade brasileira e de outros grupos de descendentes de imigrantes que estavam se constituindo em volta de Curitiba.⁶⁴

Como mencionei, por volta da passagem do século já se avolumavam as críticas ao que se afirmava como resistência à “assimilação” manifestada pelos imigrantes de origem germânica e seus descendentes. Tal resistência, agravada pela “maior visibilidade política das antigas colônias e seu crescimento econômico por um lado, e a formulação de uma ideologia étnica que reivindicava o direito à especificidade cultural e mesmo à endogamia por outro”,⁶⁵ chocava-se com a ideologia do branqueamento manifestada por parte das elites brasileiras. No

⁵⁸ Uma perspectiva aumentando o foco para a América Latina pode ser vista em BLANCPAIN, J.P. **Migrations et mémoire germaniques...** 1994: 196-199.

⁵⁹ SEYFERT, G. In: **Etnia e educação...** 2003:99 e 103.

⁶⁰ MACHADO, C. da S. **De uma família imigrante...** 1998: 50-51; 102-104.

⁶¹ STROBEL, G. H. **Relatos de um pioneiro...** 1987:20.

⁶² STROBEL, G.H. **Relatos de um pioneiro...** 1987:141. MACHADO, C. da S. **De uma família imigrante...** 1998:67. Sobre a ligação dos imigrantes com a Alemanha relacionam-se com “fronteiras étnicas a preservar, ver SEYFERT, Identidade étnica, assimilação e cidadania; a imigração alemã e o Estado Brasileiro. 193:5.

⁶³ A partir das informações propiciadas por SEYFERT [1993:5], inspiramo-nos em Moermann, 1965, *apud* POUTIGNAT, 84: “Alguém é um lue pelo fato de se crer e denominar-se lue e agir de modo a validar sua lue-tude”.

⁶⁴ Ver, a esse respeito, o que comenta sobre os imigrantes italianos em Curitiba. STROBEL, G. H. **Relatos de um pioneiro...** 1987: 130.

⁶⁵ SEYFERT, **XVII Encontro Anual da ANPOCS...** 1993:3.

início do novecentos, Hermann fornecia a sua versão do problema:

“Nos primeiros anos da chegada dos imigrantes alemães a Curitiba, os brasileiros admiraram a tenacidade no trabalho e os novos conhecimentos que foram introduzidos nas diversas atividades por eles exercidas. Mas, com o passar dos anos, quando os imigrantes começaram a progredir, aos poucos adquirindo propriedades, elevando o padrão de vida, como também possuindo os direitos de cidadãos brasileiros – e com isso reivindicando o direito de voto – desagradaram certas castas de nativos daqui da terra.”⁶⁶

Em alguns momentos, seu relato coloca em relevo a tenacidade da família em sobreviver. Mais ainda, salienta o trabalho realizado, o trabalho típico de um “alemão”, distinção que logo começou a incorporar o discurso étnico; nas histórias das trajetórias bem-sucedidas dos imigrantes “o ponto de partida é quase sempre o *colono na selva*, o pioneiro!”⁶⁷ Não foi “exatamente isso” o que aconteceu com Christian e sua família?

Nossa fonte é bastante reservada no que se refere às suas opiniões políticas. No entanto, pelo menos uma vez baixa a guarda, comentando que as mencionadas “castas” achavam que “a direção da política e condução dos negócios da nação, seria de exclusiva competência dos ‘donos do Brasil’”⁶⁸. Na opinião de Gustav, os verdadeiros ‘donos da terra’ seriam os índios, “pois todos os outros são imigrantes que chegaram ao novo mundo a partir do ano de 1500”.⁶⁹ Assim poder-se-iam justificar as duas esferas de atuação, a comunidade étnica e o Estado brasileiro: “uma pequena pátria alemã no Brasil [...] construída pelo esforço coletivo dos pioneiros, e a pátria brasileira, que remete à cidadania referenciada pelo direito de solo.”⁷⁰

Hermann manifestava-se, igualmente, contra os jornais que publicavam artigos “atacando gratuitamente os alemães. Os redatores e responsáveis não deveriam dar guarda a estas provocações, pois essas atitudes só provocam animosidades”.⁷¹

“Quando um repórter inglês ou francês, irresponsável resolve escrever sobre o chamado ‘Perigo alemão no Brasil’, esse assunto é comumente matéria para ser transcrita por diversos periódicos no Brasil. E se não fossem prontamente rebatidos por articulistas nacionais, de espírito arejado e bom senso, certamente pelos seus autores, que obviamente é envenenar e indispor os imigrantes alemães com os nacionais (sic). A ralé certamente aproveitaria a menor oportunidade para saquear e destruir os estabelecimentos e propriedades destes alemães. Estas pessoas que se dispuseram a defender os nossos

⁶⁶ STROBEL, G. H. *Relatos de um pioneiro...* 1987:135.

⁶⁷ SEYFERT *XVII Encontro Anual da ANPOCS...* 1993:4.

⁶⁸ STROBEL, G. H. *Relatos de um pioneiro...* 1987:137.

⁶⁹ STROBEL, G. H. *Relatos de um pioneiro...* 1987:137.

⁷⁰ SEYFERT, *XVII Encontro Anual da ANPOCS...* 1993:5.

⁷¹ STROBEL, G. H. *Relatos de um pioneiro...* 1987: 137.

patricios não devem ser esquecidos por nós. Entre eles devo citar o senhor Alcides Munhoz.⁷² Por outro lado também os jacobinos (que pregam o ódio aos estrangeiros) procuraram acirrar os ânimos contra os alemães e descendentes de outras nacionalidades; esses não devem ser olvidados para na hora de eleições, se fazer justiça aos que defendem os que trabalham pelo progresso desta terra.”⁷³

A questão é que, de fato, havia uma retórica racista e expansionista manifestada pela Liga Pangermânica (*Alldeutsche Verband*) que influenciava com maior ou menor grau muitos jornais teuto-brasileiros, e “a presença étnica das colônias alemãs concentradas no sul, e as denúncias norte-americanas, francesas e inglesas sobre os interesses da Alemanha na América do Sul serviam às especulações sobre intenções separatistas dos colonos”.⁷⁴ Este era o chamado “perigo alemão”, clamor que se tonificaria no período entre as duas Guerras Mundiais.

A presença de imigrantes na capital da Província desenvolvendo distintas subculturas étnicas trouxe, notadamente, um novo colorido a Curitiba. Grupos de estrangeiros, tais como “alemães”, “italianos”, “poloneses” ou “ucranianos”, que tinham como referência sua aldeia natal e adquiriam consciência de si pela imposição – às vezes de caráter xenófoba – dos “outros”, desenvolveram suas individualidades a partir de algumas restrições.

Referimo-nos, por exemplo, às exigências institucionais comuns em relação à assimilação: na segunda metade do século XIX, adentrando mesmo no século seguinte, “a humanidade foi dividida segundo a ‘raça’, idéia que penetrou na ideologia do período quase tão profundamente como a de ‘progresso’”.⁷⁵ Aliás, muitas vezes essas duas noções eram indissociáveis: no Brasil, em especial, acreditava-se que o progresso do País dependia da ‘arianização’, “ou seja, do ‘branqueamento’ progressivo do povo através de casamento inter-racial”.⁷⁶ Endogamia étnica e a consideração de uma religião herética estavam, da mesma forma, interligadas, contribuindo, segundo se pensava, para a “inassimilação” do imigrante alemão e seus descendentes. O que se pretendia impor aos estrangeiros, finalmente, não era coerente para indivíduos que, além dos fatores de solidariedade instintiva comum entre os “alógenos”,⁷⁷ possuíam, o “poderoso incentivo da nostalgia”⁷⁸ e podiam “vangloriar-se de

⁷² Certamente Hermann Strobél refere-se à brochura publicada em 1907 por Alcides Munhoz intitulada “O Sr. Sylvio Romero e o Allemanismo no Sul do Brasil; o Paraná”. Sylvio Romero ataca no seu livro *O allemanismo no Sul do Brasil: seus perigos e meios de os conjurar*. [Rio de Janeiro: Heitor Ribeiro, 1906.] o expansionismo colonialista dos alemães, referindo-se diretamente ao perigo das colônias alemãs no Sul (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná).

⁷³ STROBEL, G. H. **Relatos de um pioneiro...** 1987:138.

⁷⁴ SEYFERT, 1993:6. A autora também se refere à publicações de caráter alarmista denunciando os interesses pangermânicos no Sul do Brasil, denominada de “Little Germany”. [*Idem*, 2003: 49]. A respeito, ver também BLANCPAIN, J.P. **Migrations et mémoire germaniques...** 1994:272.

⁷⁵ HOBSBAWM, E. J. **A era dos impérios...** 2005:54.

⁷⁶ HOBSBAWM, E. J. **A era dos impérios...** 2005:54.

⁷⁷ BLANCPAIN, J.-P. **Migrations et mémoire germaniques...** 1994:251.

uma herança cultural comum”.⁷⁹

É dessa forma que se solidificava uma nova identidade nos imigrantes de origem germânica e seus descendentes – fundada, sem dúvida, em “traços culturais diferenciadores”⁸⁰ que, independente de já existirem quando dos primeiros contatos, tomavam forma no curso de uma história comum que se iniciava provavelmente na segunda geração do grupo. Era transmitida de maneira seletiva por uma memória coletiva que também interpretava essa história e essa origem comum: não eram mais originados de aldeias diversas; não eram mais pomeranos, prussianos, hanoverianos, hamburgueses, renanos; não eram mais nativos do Schleswig, do Holstein, da Turíngia, da Saxônia, do Brandenburgo; não eram mais ricos ou pobres, patrões ou empregados, camponeses ou cidadãos e, mesmo, não eram mais católicos ou protestantes: eram *alemães*, “unidos por um passado pioneiro comum que, simbolicamente representa a identidade étnica”;⁸¹ eram alemães, reunidos em torno de símbolos identitários, como a *Muttersprache*⁸² – preservada no *Heim*, “reduto íntimo da etnicidade” –,⁸³ o “trabalho alemão”⁸⁴ e, geralmente, a Igreja Luterana.⁸⁵ Eram, finalmente, “alemães” – acrescentando uma pitada de complexidade à questão –, aos quais se agregavam outros imigrantes que continuavam a chegar, agora com passaporte fornecido pelo Reich constituído em 1870.

Considerações finais

Embora sempre seja difícil generalizar a partir de um caso, o texto de Gustav Hermann Strobel deu o que pensar, corroborando a análise de que os imigrantes alemães e seus descendentes em Curitiba formavam um grupo étnico que se constitui gradativamente como tal, a partir de contrastes culturais evidenciados desde o início da presença dos

⁷⁸ HOBBSAWM, E. J. *A era dos impérios...* 2005:208.

⁷⁹ POUTIGNAT et STREIFF-FENART, J. *Teoria da etnicidade...* 1998:79.

⁸⁰ LAPIERRE, J-W. Prefácio. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Fundação Editora da UNISP, 1998:12.

⁸¹ SEYFERT, G. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, C.; VASCONCELLOS, N. *Os alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade, história*. Canoas: Ed. ULBRA, 1994:25.

⁸² Mesmo que não se saiba exatamente o que é esta língua comum: Hermann Strobel, ao relatar as conversas no rancho habitado pelos trabalhadores da Estrada da Graciosa, em grande parte imigrantes de origem “germânica”, menciona uma discussão entre eles: “Certa vez discutia-se em que zona se falava mais corretamente a língua alemã e um suíço disse que eram os suíços, o que provocou gargalhadas entre os presentes” [STROBEL, G. H. *Relatos de um pioneiro...* 1987: 111].

⁸³ SEYFERT, G. In: *Etnia e educação...* 2003:34.

⁸⁴ SEYFERT, G. In: *Etnia e educação...* 2003:4.

⁸⁵ “A consciência étnica alemã, a língua alemã e a igreja luterana (...) são inseparáveis, e Lutero é sempre apresentado como o primeiro dos nacionalistas alemães.” [SEYFERT, G. *Nacionalismo e identidade étnica...* 1981:142].

estrangeiros na cidade. Como outros imigrantes (e descendentes), nosso memorialista, vivendo desde criança no Brasil e em contato direto com a sociedade que o albergou, foi educado e alfabetizado na língua dos seus antepassados, vivenciando e pugnando pela cultura ancestral – evidentemente aprendendo e se comunicando também em português. Ao se recordar de um ambiente de necessária integração, mostrava-se condescendente ao tratar dos diversos aspectos que caracterizavam a sociedade local, mormente o escravismo e, em especial, a presença dos “caboclos”. Quase como contraponto, procura salientar e dignificar o valor do trabalho, principalmente alemão,⁸⁶ não necessariamente para o enriquecimento, mas para permitir ao sujeito uma vida relativamente boa e decente. Entretanto, parece nesse ponto comungar com a idéia característica da “teuto-brasilianidade” de que o “trabalho alemão” era e foi veículo de progresso – principalmente visualizando, no horizonte, uma “pátria” brasileira e sua história. Finalmente, seus escritos revelam um homem viajado, o que o permitiu manter contatos relativamente frequentes com outras comunidades de teuto-brasileiros e, o que também é sintomático, com os descendentes dos alemães que *não* emigraram.

Assim, como procurei deixar claro, não estou sozinho ao estabelecer a hipótese de que a etnicidade manifesta-se a partir de um segundo momento de contatos, provavelmente quando assume na Capital uma “segunda geração” de teuto-brasileiros (e aqui eu incluiria, ainda provisoriamente, parcela de migrantes que continuam a chegar em fluxos contínuos). É dessa maneira que a experiência curitibana agregar-se-ia à das diversas comunidades “coloniais” instaladas no Brasil na edificação de uma ideologia étnica teuto-brasileira (*Deutschbrasilianertum*): a etnicidade constrói-se a partir de cada experiência individual associada aos contatos culturais não só de natureza interétnica mas, de modo igual, relacionados à troca de experiências desenvolvidas com os contatos que as diversas comunidades mantinham entre si.

O que eu estou querendo naturalmente lembrar, como Michael Banton, é a idéia da articulação de duas fronteiras: de um lado, uma “*fronteira de exclusão*, que reflete o modo como a seção mais poderosa da população define uma categoria social menos poderosa como um grupo que deve ser posto de lado”; de outro, os membros da minoria étnica distintos em diversas comunidades espalhadas principalmente no Brasil Meridional que se reconheciam dessa forma e incluíam-se numa “*fronteira de inclusão*, refletindo o reconhecimento que os

⁸⁶ Nunca é demais repetir, como Seyfert, o “caráter estigmatizante” associado até hoje pelos descendentes de alemães à categoria caboclo e subjacente à idéia da superioridade do “trabalho alemão” [SEYFERT, G. **Nacionalismo e identidade étnica...** 1981:60].

membros da minoria têm uns dos outros como pertencentes a uma unidade”.⁸⁷ Esse reconhecimento de que pertenciam a uma mesma “colônia”, congregando várias “colônias” constituindo situações de aculturação distintas – e as conseqüentes interações –, provinha não só das migrações internas, da continuidade do fluxo imigratório e dos contatos resultantes; procedia, principalmente, da migração de idéias geradas pelo produto intelectual da *intelligentsia* teuto-brasileira, salientando-se conteúdos de certos jornais e de uma literatura original veiculada nos *Kalender* (almanaques).⁸⁸ Esses textos veiculavam matéria concernente a uma memória comum teuto-brasileira, cuja leitura os exercitava “pensar alemão”.⁸⁹ Os autores circulavam, tanto por meio da leitura propiciada por essas publicações quanto pela própria movimentação pelas “colônias”. Por exemplo, o joinvillense Ernst Niemeyer, filho de um diretor da Colônia Dona Francisca, mudou-se para Curitiba, onde deve ter produzido parte de sua numerosa obra, fruto sem dúvida dos contatos que fazia no âmbito da fronteira de inclusão.⁹⁰ Giralda Seyfert nota que, entre outros veículos em língua alemã, o jornal católico *Der Kompass* (1901-1939), editado na capital paranaense, era vendido, por exemplo, no Vale do Itajaí e lido, igualmente, em outras partes do Sul e em São Paulo.⁹¹ O mesmo jornal, rotulado como expressivo pela autora, tinha simpatia, como outros, por muitas das ideias do *Deutschbrasilianertum*. Assim, repetia a concepção, fundada no “direito de solo” – no *jus-solis* –, sintetizada na frase publicada em 1937: “*nós queremos ser e permanecer homens alemães, (e) honestos e bons cidadãos brasileiros*”.⁹² Mas, por outro lado, e também como outros jornais e almanaques, fazia críticas às ideias nazistas do *Volksgenosse* (os teuto-brasileiros não seriam cidadãos brasileiros, mas compatriotas dos alemães); nisso contrapunha-se evidentemente ao *Volk und Heimat* (Povo e Pátria), editado pelo diretório paulista do NSDAP. Em diversos momentos do seu texto Gustav Hermann Strobel externou, implicitamente, sua adesão a esse conceito de cidadania.

⁸⁷ BANTON, M. *The idea of race*. Londres: Tavistock, 1977, p. 147 [Apud SEYFERT, A conflituosa história ... 2003:31; sem grifo no original]. Observo que as “fronteiras de exclusão” parecem corresponder, de certo modo, às “fronteiras étnicas” conceituadas por Fredrik Barth, **Grupos étnicos e suas fronteiras**, 1998.

⁸⁸ SEYFERT, G. **Nacionalismo e identidade étnica...** 1981:107-124. Sobre a imigração germânica na América Latina, ver BLANCPAIN, J.-P. **Migrations e mémoire germaniques...** 1994:196-199.

⁸⁹ BLANCPAIN, J.P. **Migrations et mémoire germaniques...** 1994:196.

⁹⁰ Sobre este autor, ver SEYFERT, G. A idéia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, 10(22), jul./dez. 2004:160]. No início da década de 1970 utilizei como fonte a pequena brochura que produziu a respeito do Clube Concórdia [NIEMEYER, E. **50 Jahre Verein Deutscher Sängerbund**: Curitiba: Ed. Niemeyer/Tip João Haupt & Cia, 1934]. O mesmo autor, de acordo com Wilson Martins, também escreveu um livro destinado aos alemães que gostariam de emigrar para o Brasil (MARTINS, W. **Um Brasil diferente**. (Ensaio sobre fenômeno de aculturação no Paraná) 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989:123 e 451) intitulado *Die Deutschen in Brasilien* (Curitiba: Imprensa Paranaense, 1926).

⁹¹ SEYFERT, G. A. In: **Etnia e educação...** 2003:40-41.

⁹² DR KOMPASS, 1937. Número 87, apud WILLEMS, **A aculturação dos alemães no Brasil**, 1980:152-5.

A mesma autora, focando suas pesquisas numa historiografia e em pesquisas construídas em análises de agrupamentos caracteristicamente coloniais, assegura que “os teuto-brasileiros começaram a agir como grupo étnico quando se rompeu o isolamento das áreas coloniais, no final do século XIX”.⁹³ Mais do que uma resposta demandada por essas comunidades, eu diria que as “escolas alemãs e suas entidades de apoio, as associações de caráter beneficente e assistencial, a organização inicial da assistência religiosa (tanto católica como luterana) na forma comunitária, as associações culturais e recreativas (como as sociedades de canto, de tiro, de ginástica etc.)”⁹⁴ podiam replicar não só o isolamento geográfico, mas, sobretudo, o cultural. Respondiam à diferenciação generalizada entre o “nós” irmanados pelo *Deutschbrasilianertum* (fronteiras de inclusão) e os “outros” (fronteiras de exclusão) que se colocava onde quer que houvesse imigrantes e descendentes, tanto nos núcleos coloniais como nas “colônias” instaladas no âmbito dos centros urbanos, como Curitiba. Tanto é verdade que não só a Igreja luterana desenvolveu-se na cidade, mas igualmente a escola alemã e, como mencionei, dezenas de *Vereine* com múltiplas e variadas finalidades. Blancpain colecionou adjetivos qualificando esses clubes e associações: “cooperativas de felicidade”, “santuário por excelência do germanismo”, “terceira célula da vida” (juntamente com a Família e a Igreja), “espelho da unidade alemã no Além-Mar”, “centros vivos do Deuschtum”...⁹⁵ Nelas, os sócios reuniam-se para beber, cantar, dançar, ler, praticar esportes, ginástica, representar etc.; em suma, saborear o prazer da vida em comunidade.⁹⁶ Da mesma forma, para se congregar e comemorar eventos nacionais alemães, como o aniversário do Kaiser em 22 de março de 1887 no *Deutscher Saengerbund* em Curitiba.⁹⁷ Ou, para celebrar, no mesmo clube, sua cidadania: os seus associados costumavam reunir-se para comemorar as datas cívicas brasileiras, principalmente a Semana da Pátria ou homenagear com bailes e festas autoridades políticas paranaenses.⁹⁸

No âmbito dessas fronteiras de inclusão desenvolveu-se uma identidade étnica, ou como talvez convenha melhor ao historiador, identidades étnicas, que não constituem

⁹³ SEYFERT, G. A. In: **Etnia e educação...** 2003:60.

⁹⁴ SEYFERT, G. A. In: **Etnia e educação...** 2003:28-29.

⁹⁵ BLANCPAIN, J.-P. **Migrations e mémoire germaniques...** 1994:245.

⁹⁶ BLANCPAIN, J.-P. **Migrations e mémoire germaniques...** 1994:245. Ver análise a respeito em NADALIN, 1972:4-7.

⁹⁷ O “*Deutscher Saengerbund*” (Associação de Cantores Alemães) resultou da fusão, em 4 de junho de 1884, do “*Gesangverein Germânia*” (1869) e do “*Gesangverein Concordia*” (1873). Dificilmente deixam de ser encontradas evidências, onde quer que se localizassem grupos imigrantes alemães, de algo que os lembrasse de um ideal da “Concórdia Alemã”, ou “*Deutsche Einigkeit*”. O mundo dos imigrantes festejou a unificação alemã em 1870 e, em Curitiba, programou para junho de 1871 a “*Deutsche Einigkeits-und-Fridenfest*”, como testemunha uma foto do acervo do atual Clube Concórdia, em Curitiba. NADALIN, S. O. **Clube Concórdia**. Curitiba: Clube Consórdia, 1972:26.

⁹⁸ NADALIN, S. O. **Clube Concórdia...** 1972:15 e 18.

conjuntos intemporais, imutáveis, de traços culturais e transmitidos de uma geração a outra em cada local onde floresceu uma colônia de “alemães”. Em especial no período que nos interessa, localizado mais ou menos na segunda metade do século XIX, ações e reações foram provocadas na fricção entre o “nós”, incluídos na inclusão, e os “outros”, na exclusão, em sociedades diversas que não cessavam de se transformar. No caso em evidência, uma sociedade urbana.⁹⁹

Assim, se o exemplo da linhagem fundada por Christian e Christine for generalizável, tudo se passa como se, em algumas gerações, os descendentes dos pioneiros fossem continuamente substituídos por novos indivíduos.¹⁰⁰ Ou seja, o “nós” associava sucessivamente novos membros oriundos do estrangeiro e de outras regiões do Brasil, mormente de Santa Catarina e Rio Grande do Sul; agregava, de modo igual, novas gerações e pessoas em função de fatores diversos, tais como o casamento com “outsiders” que se incorporam ao grupo. De maneira inversa, perdia – ou “excluía” – indivíduos pelos mesmos ou outros motivos, indivíduos que “atravessavam” as fronteiras étnicas. Os “outros”, é evidente, também constituem uma abstração: no tempo, muda o seu caráter, como mudam os contextos das relações interétnicas.

Com efeito, a identidade étnica, como qualquer identidade, resulta de uma construção social e, por isso mesmo, faz parte da complexidade concernente. Dessa forma, como Dennys Cuche, reafirmamos que as identidades culturais não podem se reduzir a definições simples e “puras”. Fazer isso seria desconsiderar a heterogeneidade da sociedade curitibana, em cuja história se movimentam nossos atores. “Nenhum grupo, nenhum indivíduo está fechado a priori em uma identidade unidimensional. O caráter flutuante que se presta a diversas interpretações ou manipulações é característico da identidade. É isto que dificulta a definição desta identidade.”¹⁰¹

É, por conseguinte, numa situação efervescente do processo de urbanização que esses contatos são otimizados, principalmente se, como vimos com Gustav Hermann Strobel, no âmbito desse processo verifica-se a ascensão social e econômica dos sujeitos. De qualquer forma, “a etnicidade não se manifesta nas condições de isolamento; é, ao contrário, a intensificação das interações características do mundo moderno e do universo urbano que

⁹⁹ LAPIERRE, J-W. Prefácio. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998:11. RUANO-BORBALAN, J-C, La construction de l'identité. In: HALPERN, C.; RUANO-BORBALAN, J-C. (coord.). **Identité(s): l'individu, le groupe, la société**. Auxerre: PUF/Sciences Humaines Éditions, 2004: 1-2 e 5, respectivamente.

¹⁰⁰ Como fonte, dispomos de uma genealogia construída por Egon Strobel, um dos descendentes de Christian August.

¹⁰¹ CUCHE, D. **A noção de cultura...** 2002:192.

torna salientes as identidades étnicas.”¹⁰² Interações que envolvem *insiders* e *outsiders*, como enfatizamos. Interações conseqüentes aos movimentos internos nas “áreas” de inclusão. Ações mútuas contraditórias, pois é também a partir dos contatos nos centros urbanos que se desenvolve o bilinguismo e fenômenos de hibridização da língua que, numa certa ótica, constituiria um sinal do recuo do alemão, favorecendo a assimilação.¹⁰³ É preciso lembrar que Gustav Hermann Strobel e seus irmãos eram bilíngües?

De qualquer forma, se a historiografia enfatiza as colônias isoladas como fator de enquistamento e, por outro lado, a possibilidade maior da assimilação – como a palavra indica, mão de via única –, em regiões de contato, não é possível reduzir a questão, a meu ver, a uma dualidade simplista e, mesmo, reducionista. Para melhor compreensão dessas questões, urge produzirmos pesquisas comparativas, no sentido de cotejar analiticamente comunidades diversas que se encontram, todas, em *áreas de inclusão*.

Fontes

- ARQUIVO da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba. Registros de Batismos
- GEMEINDEVERZEICHNISS (VON DEN) EVANGELISCHEN MITGLIEDER IN MORRETES PROV. PARANÁ; GEMEINDEVERZEICHNISS DER EVANGELISCHEN MITGLIEDER IN CURITYBA PROVINZ PARANA; 11/11/1866.
- STROBEL, Egon. Genealogia da Família Strobel: os descendentes de Friedrich August e Christina Friederika (Herold) Strobel.

Referências Bibliográficas

- BANTON, M. **The idea of race**. Londres: Tavistock, 1977, p. 147 [*Apud* SEYFERT, A conflituosa história. 2003:31; sem *grifo* no original.
- BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- BIGG-WITTER, T. P. **Novo caminho no Brasil meridional: a Província do Paraná. Três anos em suas florestas e campos; 1872-1875**. Rio de Janeiro: J.Olympto / Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1974.
- BLANCPAIN, J.-P. **Migrations et mémoire germaniques en Amérique Latine**. Strassbourg: Presses Universitaires de Strassbourg, 1994.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.
- DR. KOMPASS, 1937. Número 87, *apud* WILLEMS, **A aculturação dos alemães no Brasil**. 1980.
- DREHER, M. Protestantismo de imigração no Brasil; sua implantação no contexto do projeto liberal-modernizador e as conseqüências desse projeto. In: DREHER, M. (org). **Imigrações e história da**

¹⁰² POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade...** 1998:124.

¹⁰³ BLANCPAIN, J.-P. **Migrations e mémoire germaniques...** 1994:204 e 207.

- Igreja no Brasil.** Aparecida, SP: Editora Santuário, 1993. Pp. 109-131.
- 50 JAHRE Handwerker-Unterstützungs-Verein.** Gedenk-und-Festschrift am 19.Juli; 1884-1934. Curitiba: Max Roesner & Filhos Ltda., 1934:25.
- HOBBSAWM, E. J. **A era do capital:** 1848-1875. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- HOBBSAWM, E. J. **A era dos impérios:** 1875-1914. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- LAPIERRE, J-W Prefácio. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade.** São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- MACHADO, C. da S. **De uma família imigrante:** sociabilidades e laços de parentesco. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.
- MAGALHÃES, M. B. D. de. **Pangermanismo e nazismo:** a trajetória alemã rumo ao Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1998.
- MARTINS, W. **Um Brasil diferente.** (Ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná). 2. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1989.
- MUNHOZ, A. **O Sr. Sylvio Romero e o allemanismo no Sul do Brasil:** o Paraná. Curitiba: Oficinas de Artes Graphics de Adolpho Guimarães, 1907.
- NADALIN, S. O. **Clube Concórdia.** Curitiba: Clube Concórdia, 1972.
- NADALIN, S.O. Imigração alemã no Brasil: dois problemas. **Anais do III Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros.** Porto-Alegre, Ed. Da UFRS, 1980. Pp. 297-303.
- NIEMEYER, E. **50 Jahre Verein Deutscher Sängerbund:** Curitiba – 1884-1934. Curitiba: E. Niemeyer/Tip João Haupt & Cia, 1934.
- POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade:** seguido de grupos étnicos e suas fronteiras, de Fredrik Barth. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- RIBEIRO, B. **Protestantismo no Brasil monárquico, 1822-1888:** aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1973.
- RODOWICZ-OSWIECIMSKY, T. **A colônia Dona Francisca no Sul do Brasil.** Florianópolis: Ed da UFSC, FCC; Joinville: FCJ, 1992.
- RUANO-BOURBALAN, Jean-Claude. La construction de l'identité. In: HALPERN, Catherine et RUANO-BORBALAN, Jean-Claude (coord). **Identité(s); l'individu, le groupe, la société.** Auxerre: PUF/Sciences Humaines Éditions, 2004.
- SEYFERT, G. **Nacionalismo e identidade étnica.** A ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.
- SEYFERT, G. Identidade étnica, assimilação e cidadania; a imigração alemã e o Estado Brasileiro. **XVII Encontro Anual da ANPOCS,** Caxambu, MG, 22-25 outubro de 1993. http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_26/rbcs26_08.htm Acesso em: 1.º de janeiro de 2007.
- SEYFERT, G. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, C.; VASCONCELLOS, N. **Os alemães no Sul do Brasil;** cultura, etnicidade, história. Canoas: Ed. ULBRA, 1994.
- SEYFERT, G. A conflituosa história da formação da etnicidade teuto-brasileira. In: FIORI, N. A. (org.). **Étnia e educação:** a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres. Florianópolis: Ed. Da UFSC; Tubarão: Editora Unisul, 2003.
- SEYFERT, G. A idéia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. **Horizontes Antropológicos.** Porto Alegre, 10(22), jul./dez. 2004.
- SINGER, P. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana:** análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. São Paulo: Edit. Nacional: Edit. USP, 1968.
- STROBEL, G. H. **Relatos de um pioneiro da imigração alemã.** Curitiba: IHGEP, 1987.
- WILLEMS, E. **A aculturação dos alemães no Brasil.** Estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. 2. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional/INL/MEC, 1980.